

FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO PRECÁRIO A PARTIR DO FILME-DOCUMENTÁRIO: ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

Adjaine Josefa Ribeiro Campos*

Fernando Cotta Trópia Dias**

Resumo: Tendo como tema a precarização do trabalho na contemporaneidade, esse artigo vem promover uma discussão sobre uma temática de grande relevância na formação dos indivíduos, alicerçado no seguinte questionamento: quais são as implicações presentes na formação subjetiva, em vista da precarização das relações de trabalho atuais? Sendo assim, esse artigo tem como objetivo geral investigar as consequências contemporâneas dos fenômenos de precarização do trabalho, tendo como base documental para análise, o filme-documentário: **Estou me guardando para quando o carnaval chegar (2019)**. Como objetivos específicos, visou-se investigar a precarização laboral no contexto neoliberal brasileiro, além de refletir sobre as consequências desse fenômeno ante os processos de alienação decorrentes, dadas as condições laborais presente no filme-documentário, e que podem ser inspiradas à realidade atual em outros espaços, territórios, categorias e formas de trabalho outras. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e de natureza descritiva e exploratória, por intermédio da Análise Documental de obra fílmica, de forma a imergir nas implicações atuais dos fenômenos psicossociais envolvidos ante esse panorama. O trabalhador está posicionado em um lugar de vulnerabilidade frente à precarização laboral, onde a perspectiva neoliberal de primazia do acúmulo do capital e a degradação dos direitos trabalhistas propiciam sofrimento e impulsionam a desvalorização e coisificação do sujeito. Assim, o trabalhador em nome da sobrevivência, se adequa as exigências do mundo do trabalho e a um processo de alienação correlata, que acaba negando a dor e o desamparo, tendo o lazer um espaço restrito e uma fuga precipitada dessa realidade extenuante.

Palavras-chave: Precarização; Trabalho; Formação Subjetiva; Alienação.

Abstract: Taking as a theme the precariousness of work in contemporary times, this article promotes a discussion on a theme of great proportion in the formation of the wanted, based on the following question: what are the criteria present in the formation of classification, in view of the precariousness of relationships current work? Therefore, this article aims to investigate the contemporary consequences of precarious work phenomena, based on documentary analysis, the documentary film: **I am saving myself for when carnival arrives (2019)**. As specific objectives, the aim was to investigate job insecurity in the Brazilian neoliberal context, in addition to reflecting on the consequences of this phenomenon in the face of the resulting alienation processes, given as working conditions present in the documentary film, which can be inspired by the current reality in other spaces, territories, categories and other forms of work. The methodology used was of a qualitative nature and of a descriptive and exploratory nature, through Document Analysis of film work, which had four categories of analysis and discussion of results to show how current the psychosocial phenomena are. It is then exposed that the worker is positioned in a place of vulnerability, facing precarious work, where a neoliberal perspective of capital accumulation and the degradation of labor rights causes suffering and drives the subject's devaluation and reification. Thus, the worker in the name of the emergency adapts to the demands of neoliberalism and in a process of alienation ends up denying pain and helplessness, having leisure with escape from reality.

Key-words: Precariousness; Work; Subjective Formation; Alienation.

* Graduanda em Psicologia, na Faculdade Ciências da Vida
adjaine_campos@hotmail.com

** Mestre em psicologia pela UFSJ, docente em curso de graduação da Faculdade Ciências da Vida
fctropiadias@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho ocupa um lugar de centralidade no cotidiano de um indivíduo, onde esse tem a possibilidade de desenvolver seus potenciais, a sua autoestima, bem como um processo de identificação ao experienciar e atuar no contexto social (FARIA; RAMOS, 2014). Segundo Lotterman, Giongo e Oliveira-Menegotto (2018), o trabalho não exerce apenas uma relevância como elemento de organização social, mas também interfere nos processos subjetivos, na formação mesma de um sujeito.

Lotterman, Giongo e Oliveira-Menegotto (2018) também apontam que o trabalho na contemporaneidade, principalmente nos setores industriais, costuma ser frequentemente relacionados à ideia de sofrimento, adoecimento e mal-estar. Os indivíduos estão sofrendo atualmente uma grande demanda e uma maior implicação da sua subjetividade no meio laboral. Em concordância a isso, Kalleberg (2009) apresenta o contexto de precariedade laboral e o descreve como um fenômeno que possui uma incidência global, que se manifesta de forma distinta em cada país, de acordo com sua cultura, seus regimentos, o seu nível de desenvolvimento, entre outras particularidades de cada nação.

Diante desse contexto, segundo Lira et al (2020), no setor têxtil, assim como em outras áreas de produção, a precariedade laboral encontra um espaço para se manifestar, através das subcontratações e terceirização da mão de obra, favorecidas pela modernização, redução de custos e ampla produção. Um bom exemplo dessa realidade está presente no Agreste de Pernambuco, cuja região é considerada um dos principais polos de confecções do Brasil, mas que apresenta um contexto laboral marcado pela precariedade e flexibilização na maioria da sua população.

Assim sendo, esse artigo se justifica por possibilitar a discussão acerca dos impactos psicossociais do trabalho na contemporaneidade, além de possuir o potencial para disseminar a importância das indagações acerca desse tema ante as consequências desse modo de vida neoliberal na formação subjetiva.

Segundo Vargas (2016), para um indivíduo, o ato de trabalhar representa algo importante na elaboração da sua identidade pessoal e coletiva, sendo relevante na maneira que o sujeito se reconhece e como constitui a sua relação com o meio social maior. Logo, esse estudo possibilita uma reflexão acerca dos fenômenos atuais presentes nas relações de trabalho precário, e propicia uma reflexão para o trabalhador, que se encontra tão vulnerável nesse contexto de organização estrutural do mundo do trabalho.

Frente a essa conjuntura, foi relevante questionar: quais são as implicações psicossociais presentes na precarização das relações de trabalho, a partir do filme documentário: **Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar?** Sendo assim, investigou-se ainda a precarização laboral no contexto neoliberal e os movimentos e processos de alienação decorrentes presentes nessa realidade.

Essa pesquisa partiu de uma Análise Documental, o filme-documentário: **Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar (2019)**, que retrata o cotidiano dos moradores de Toritama/PE, que atuam como fabricantes de peças jeans.

Como considerações gerais, tem-se que, diante do que está evidenciado no filme-documentário analisado, o trabalhador no contexto de precarização laboral é colocado em uma posição vulnerável. A lógica neoliberal e a deterioração dos direitos trabalhistas promovem sofrimento e potencializa a própria desvalorização e coisificação do sujeito, em um processo de alienação constante, e esse trabalhador, em função de sua sobrevivência, acaba negando a dor, seus altos sacrifícios e o desamparo, se ajustando as exigências do sistema capitalista, como mais uma peça da maquinaria.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PRECARIZAÇÃO LABORAL E NEOLIBERALISMO

Segundo Machado, Giongo e Mendes (2016), o trabalho possui uma posição central no capitalismo e está diretamente ligado a produção de capital. Contudo, o trabalho na atualidade está passando por um processo de deterioração dos direitos trabalhistas, evidenciando uma precarização e uma vulnerabilidade na vivência dos trabalhadores. O trabalho gradualmente está se tornando mais instável e com mais diversificação nas atuações. Com isso, para compreender de forma ampliada o contexto atual da precarização do trabalho, também é necessário entender o sistema capitalista.

Gonçalves e Costa (2020) sustentam que o capitalismo é um sistema socioeconômico no qual uma determinada classe dominante amplia e acumula o seu capital, a partir da oferta de bens de consumo, que podem variar entre mercadorias, serviços, ideias, entre outros. Logo, esse processo constituiu o mercado, no qual as ideias liberais tem grande força, pois quanto maior a liberdade do mercado, maior liberdade o capital terá para atuar e expandir. Contudo, essas conquistas só são possíveis através da exploração, não apenas de recursos naturais, como também, de saberes e esforço humano (PAVÓN-CUÉLLAR, 2017).

Desse modo, segundo Viana e Silva (2018), o neoliberalismo surge como um capitalismo contemporâneo, cuja as ideias ganharam destaque nas últimas três décadas ao defender uma autonomia ainda maior do mercado. A lógica do liberalismo ganha uma nova roupagem ao almejar uma intervenção mínima do Estado, promovendo assim políticas de desestatização e desregulamentação da indústria, que conseqüentemente propicia a expansão da circulação do capital, mas que também gera ainda mais a concentração de renda, a individualização e a fragilização das políticas de proteção social.

Portanto, segundo Pavón-Cuéllar (2017), nessa realidade neoliberal a autonomia de um sujeito passa a ser compreendida como uma competência a ser desenvolvida. O sujeito “autônomo” deverá ser empreendedor de si próprio, além de deter habilidades intrínsecas de flexibilidade e adaptação, para sobreviver nessa conjuntura individualista e competitiva.

Assim, essa atual conjuntura econômica e política, com o intuito de promover crescimento do mercado, favorece a flexibilização do trabalho e acaba permitindo a sua precariedade (SÁ, 2010). Logo, o contexto das relações de trabalho diante das políticas neoliberais, gradativamente, começa a ser orientado pelas mudanças de mercado, que demanda das organizações uma máxima flexibilização nas contratações e nos desligamentos de seus colaboradores (ARAÚJO; MORAIS, 2017). Segundo Leite (2019), essa flexibilização também pode acontecer devido uma exigência de versatilidade e mobilidade da energia laboral; uma instabilidade salarial; uma contratação ou subcontratação arbitrária; uma disparidade entre as metas e as condições para a realização do trabalho; uma terceirização, dentre outras formas.

Sendo assim, o contexto atual do trabalho possui uma dinâmica cada vez mais instável e gradativamente mais diversificada. A premissa de acumulação de capital propicia uma transformação nas políticas sociais e uma deterioração dos direitos trabalhistas. Com o aumento de empregos mais flexíveis e das atuais maneiras de contratação, os trabalhadores acabam ficando desprotegidos pelo declínio da regulamentação do trabalho, e sem seus direitos garantidos eles acabam se tornam mais vulneráveis a atuações degradantes (ARAÚJO; MORAIS, 2017). Portanto, a principal característica do trabalho precário seria as atividades laborais que possuem um caráter de contratação flexível, volátil, frágil, sem renda e sem garantia dos direitos trabalhistas, que pode provocar nos colaboradores um sentimento de insegurança e instabilidade (LEITE, 2019).

Segundo Kalleberg (2009), é possível identificar aspectos distintos acerca da insegurança presente no trabalho precário. Por exemplo, alguns aparecem na ausência de oportunidade de emprego, na falta de proteção adequada no momento do desligamento, na incapacidade de permanecer em um ofício pela carência na delimitação das atividades e de suas qualificações, nas situações de precariedade ocupacional e de insalubridade e na incerteza e na expectativa em relação ao retorno financeiro.

Outro ponto também importante levantado por Araújo e Morais (2017) é que no contexto neoliberal ocorre um agravamento da disparidade presente nas relações entre o contratante e o contratado. Essa disparidade é uma das principais consequências da flexibilização da conjuntura laboral, que coloca o trabalhador de maneira desamparada nessa relação de poder desproporcional. Assim, diante da deterioração dos direitos trabalhistas, o trabalhador, em função de sua subsistência, acaba à mercê das imposições feitas pelo mercado, favorecendo o declínio de sindicatos e os alienando frente a luta por um cenário melhor, com condições insatisfatórias de trabalho.

Conseqüentemente, nessa atual conjuntura, os trabalhadores acabam apresentando um reconhecimento social fragilizado e uma falta de pertencimento coletivo, de modo que acabam se vendo sozinhos e mais suscetíveis ao sofrimento e ao adoecimento. Logo, a precarização laboral vai além de um contexto econômico e de produção, mas está relacionada a uma conjuntura social, que em função de uma ampliação capitalista dos processos financeiros, se movimenta, conjuntamente, a vulnerabilidade do trabalhador (MACHADO; GIONGO; MENDES, 2016).

Desse modo, ante um cenário social alicerçado em uma lógica capitalista, onde o acúmulo de capital é uma máxima, fica evidente que o neoliberalismo ganha espaço e acaba determinando o modo de vida das pessoas. Por ser o elo mais frágil desse contexto, o trabalhador fica à mercê das movimentações do mercado/capital, que em função do lucro promovem uma degradação dos direitos trabalhistas e a precarização laboral. O trabalhador, em prol da sua pronta sobrevivência, tem como única saída se colocar à disposição dessa lógica de exploração, e assim, acaba sendo alienado nesse processo em busca de uma vida mais digna, dentro das condições materiais consolidadas na civilização.

2.2 A ALIENAÇÃO NO CONTEXTO LABORAL

Segundo Machado, Giongo e Mendes (2016), uma das principais pautas defendidas pela organização atual do trabalho está relacionada ao aproveitamento dos saberes dos indivíduos e desenvolvimento de um gerenciamento hábil em controlar os trabalhadores, com a finalidade de alavancar a produtividade, além de dificultar condutas de enfrentamento e resistência do coletivo. Assim, é possível localizar um processo de alienação nas formas de exercer controle, dominação e exploração do trabalhador, ao se promover uma resignação adaptativa frente a esse contexto, de forma a serem levados a perderem sua perspectiva crítica (SIQUEIRA; DIAS; MEDEIROS, 2019).

De acordo com Franco (2011) o processo de alienação ocorre quando o sujeito atua, de forma individual ou em grupo, mas se encontra alheio aos resultados de sua própria ação. Semelhantemente, Machado, Giongo e Mendes (2016) apontam que a alienação tem um aspecto alicerçado no contexto cotidiano, onde o capitalismo de uma maneira peculiar promove a alienação e o sofrimento. Assim, é possível dizer que o sujeito na atualidade neoliberal se encontra sem proteção, marcado pelas mazelas desse contexto, o que afeta a elaboração/formação de sua subjetivação.

Em parte a essa análise anterior, Crochík (2003) salienta que o indivíduo alienado não encontra satisfação em sua atuação e acaba por ter a sua existência apenas como uma ferramenta de trabalho, de modo que a sua produção ocupa um lugar de poder, independente dele. O trabalho, portanto, é como uma maneira de ajustamento social e individual que modifica o contexto de acordo com as conveniências sociais, no qual o capital é compreendido como fim em si e meio de poder, exercício de controle dos corpos.

Diante disso, na tentativa de sua autopreservação, sua situação de subsistência, o trabalhador da contemporaneidade acaba por sacrificar seu prazer e o seu o tempo, de forma que em nome da sobrevivência acaba oferecendo e doando a própria vida no sacrifício como fim (CROCHÍK, 2003). Ou seja, o sujeito acaba dispendo de sua identidade e projetos pessoais, o que, conseqüentemente, geram uma mortificação e perda de sentido. O trabalhador acaba sendo manipulado e perdendo sua autonomia e possibilidade de ser ele mesmo, e se torna apenas um simples recurso produtivo (SIQUEIRA; DIAS; MEDEIROS, 2019).

Portanto, o trabalho alienado traz uma resignação e uma incapacitação frente a realidade, que de modo concreto impõe a permanência nesse lugar de opressão. Inclusive o tempo livre é permitido e vivenciado em função do trabalho, pois o indivíduo o utiliza

com o objetivo de descanso ou para expansão de suas habilidades e aprimoração do seu ofício (CROCHÍK, 2003). Adorno (2002) também aponta que mesmo quando esse tempo é utilizado para o divertimento, propicia a resignação, pois o lazer seria utilizado como forma de escapar do cotidiano, fuga precipitada para não deixar pensar os altos sacrifícios impostos na realidade. Ou seja, o alicerce da diversão está na impotência e na fuga da realidade que oprime o indivíduo, como uma última tentativa de exercer resistência. A diversão só se torna assim viável a partir de um distanciamento do princípio da realidade e da negação do processo social, como um todo, onde a promessa de liberdade oferecida pelo entretenimento significa renunciar ao pensamento, pois para que o lazer ocorra é preciso ignorar a dor (ADORNO, 2002).

Assim, até a felicidade só seria viável ao negar totalmente o desamparo que esse contexto produz, o que, conseqüentemente, acarreta o próprio desamparo e a alienação. Logo, a satisfação na realidade se encontra na tentativa de se esquivar do desprazer (CROCHÍK, 2003).

Segundo Franco (2011), o trabalhador, de forma violenta e submissa, é moldado pelas imposições da produtividade, que são incertas e instáveis, pois colocam o sujeito em um lugar de desvalorização e a produção em lugar de valorização. Conseqüentemente, o trabalho não é apenas o ato de produzir um objeto, mas também transforma o sujeito em objeto, e isso se intensifica no contexto de flexibilização do trabalho, dado que a subjetividade é cativa nesse processo de alienação. Logo, a alienação não se apresenta apenas ao produto, mas em todo o processo da atividade. É impossível o trabalhador estar alheio apenas ao resultado, pois ele igualmente está alheio a si próprio.

Faria e Ramos (2014) enfatizam que o ofício possui um potencial para promover um bem estar psíquico e favorecer a emancipação do indivíduo. Entretanto, no contexto capitalista, onde a atividade laboral é marcada pela mercantilização do trabalhador, esse ofício se torna capaz de afligir, limitar, alienar, dominar e favorecer o adoecimento físico e também psíquico do sujeito, transformando a atividade em algo remunerado, dominado, subdividido pelo tempo e as ações, que moldam a liberdade do sujeito. Assim, como evidência dessa situação imposta pelo capitalismo, surge a dialética presente entre capital e pobreza, proprietário e desprovido, o acúmulo e a escassez, o quanto mais é produzido pelo trabalhador, menor é a sua capacidade de consumir, e quando mais capital ele gera, menor valor ele possui.

Desse modo, o capital ocupa posição central nas atuais relações laborais, o trabalhador acaba vulnerável à alienação e ao sofrimento. Diante de um cotidiano

marcado pelas mazelas desse sistema, ele tem a subserviência, a negação e a fuga da realidade como artifícios para possibilitar a sua sobrevivência. Ou seja, em função da autopreservação, o trabalhador acaba ficando suscetível a uma perda de perspectiva crítica frente ao processo da atividade e da sua existência.

3. METODOLOGIA

O presente estudo possui cunho e natureza qualitativa. Por meio de uma *Pesquisa Documental* de fonte fílmica, foi possível fazer um levantamento de dados dos objetivos expressos. A pesquisa teve como objeto o documentário: **Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar (2019)**, produzido por Marcelo Gomes, apresentando a história da cidade de Toritama, localizada no estado de Pernambuco, onde seus habitantes têm como principal fonte de renda a produção de peças/vestuário jeans. A proposta do documentário é mostrar as implicações subjetivas e objetivas que a produção frenética acarreta na vida das pessoas e no modo de vida da cidade, cujos moradores trabalham incessantemente, mas que se sentem felizes por serem capazes de gerenciar a sua própria carga horária de trabalho e fazer do Carnaval, a única época do ano de descanso.

A decisão por este método se justifica por compreender que, ao analisar um filme documentário, que apresenta uma grande articulação com a questão que norteia o campo de problema do artigo, é possível apresentar um estudo de natureza descritiva e exploratória, através de um processo interpretativo, alicerçado teoricamente. Diante disso, Marconi e Lakatos (2017) apontam que para essa abordagem de pesquisa, seria necessária uma análise aprofundada acerca dos conceitos investigados. Portanto, foram utilizados artigos científicos publicados nos últimos anos, com o intuito de levantar os dados qualificados para a fundamentação teórica daquilo que se repercute na realidade das pessoas.

A *Pesquisa Documental* se apresenta segundo Marconi e Lakatos (2017) como uma modalidade de pesquisa que recorre a uma coleta de dados oriundas de registros documentais que ainda não passaram por um processo analítico, ou que possuam uma possibilidade de uma releitura a depender dos intuítos da pesquisa. Esses documentos podem ser ou não escritos, e por isso, contam com amplas possibilidades materiais capazes de contribuir para averiguação do fenômeno ou fato centro da análise.

Frente a isso, no presente estudo, a partir de uma abordagem qualitativa, foi delimitado como objeto de análise e interpretação as informações apresentadas no documento de fonte fílmica já relatado anteriormente. Assim, as categorias postas em análise e criadas, a partir dos objetivos traçados e do referencial teórico adotado, foram: *1- Precariedade laboral apresentada no documentário; 2- Impactos no processo de subjetivação: a alienação no trabalho precário e, por fim, 3- O lazer como fuga da realidade.*

Deve-se ressaltar que as categorizações em eixos temáticos não necessariamente se compreendem como uma proposta de Análise de Conteúdo, mas antes, uma articulação metodológica possível viabilizada pelo próprio referencial teórico utilizado, seus conceitos e eixos de análise, à luz dos objetivos traçados na pesquisa em paralelo com a investigação do filme-documentário a partir desse olhar. As unidades de registro/categorias de análise passam assim a serem articuladas e criadas nessa via de tabulação e sistematização dos conteúdos postos em confronto.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 ANÁLISE CRÍTICO-DESCRITIVA DA AUTORA-PESQUISADORA ACERCA DO FILME DOCUMENTÁRIO: **ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR**

O referido documentário apresenta o contexto vivenciado pelos moradores de Toritama/PB, que trabalham na fabricação de peças jeans e atuam com um dos principais pólos de confecções do Brasil, com a produção anual de aproximadamente 20 milhões de unidades. O documentário, produzido pelo diretor Marcelo Gomes, buscou apontar o contraste que a cidade tem e apresenta, em paralelo com suas memórias de infância, já que, quando criança, ele junto com seu pai, realizou muitas viagens pela região.

O diretor relata que se recorda como a cidade era tranquila e silenciosa, quando as pessoas tinham o campo como principal meio de renda, mas que atualmente tudo mudou, e o que se escuta é apenas o barulho interrompido das máquinas. Som que está presente ao longo de todo o documentário, e gera muito incômodo, por se tratar de um som ensurdecedor. Igualmente, o ritmo acelerado e incessante dos movimentos das mãos dos costureiros gera um mesmo desconforto. O próprio diretor corrobora essa percepção, ao contar sobre a ansiedade que sente com o barulho das máquinas e a angústia de

testemunhar a repetição do movimento que as pessoas realizam para a produção das peças.

É possível observar no documentário, o contexto de trabalho vivenciado na cidade, que gira em torno quase que exclusivamente da fabricação do jeans, o qual não é produzido apenas nas fábricas, mas também, em quintais, dentro das casas dos trabalhadores, espaço popularmente conhecido como facções. Assim, ao assistir o documentário, é notório o desgaste diante da precarização laboral, fica evidente na natureza da atividade realizada, nas imagens dos ambientes de trabalho e, principalmente, no desgaste visível no semblante cansado presente no rosto dos trabalhadores.

Eles atuam de forma incessante e nem mesmo no momento das entrevistas realizadas para o filme, pararam de trabalhar, afinal, quanto mais produzem, mais ganham, lucram. Contudo, mesmo trabalhando de segunda a segunda, com uma carga horária de trabalho superior a 12 horas todos os dias. Esses trabalhadores acreditam possuírem uma boa vida e apresentam uma satisfação, devido à ilusão de serem livres e capazes de controlar o próprio tempo. Uma das entrevistadas, por exemplo, afirma que não considera a realidade de trabalho deles ruim, pois se comparada à realidade com a de pessoas que passam fome, ela disse que é um privilégio ter saúde e poder trabalhar e conseguir ter comida na mesa. É evidente que esses indivíduos não se percebem sendo explorados, pois defendem essa realidade.

Assim, esses indivíduos negam o desamparo, os altos sacrifícios e o sofrimento que vivenciam, e quando chega o Carnaval fazem de tudo com o intuito de viajarem para a praia. Conseqüentemente, eles estão dispostos a se endividarem ou se desfazerem de seus bens, tais como geladeiras, televisões, celulares e motocicletas, por baixos preços, mesmo que tenham que comprá-los novamente depois por um preço maior. Tudo isso para experimentar os curtos momentos de lazer que se permitem vivenciar. Porém, quando esses dias passam, todos voltam para as facções, retomam o trabalho incessante e rítmico, como engrenagens de uma máquina, que volta a produzir depois uma pequena pausa para manutenção.

4.2 PRECARIÉDADE LABORAL APRESENTADA NO DOCUMENTÁRIO

A partir do documentário é possível elencar diversas evidências do trabalho precário. Foi relatado nas entrevistas a instabilidade salarial: “trabalho aqui é produção, você ganha o que faz! Quanto você ‘arrocha o nó’ você ganha o dinheiro! O negócio é

você trabalhar mesmo!"; "Se você fizer cem boca bolço por dez centavos, aí você ganha dez reais, se no dia você fiz mil, você ganha cem reais, porque é dez centavos cada. Vai da sua produção, do que você dá!"; "Quanto mais trabalha, mais se ganha!"; "Na carteira assinada o salário é aquela coisa, faça chuva ou faça sol e aqui não. Aqui o salário atende a gente, tanto faz eu ganhar mil e quinhentos na semana ou receber dois, três. Vai depende da minha trabalhada!". Não existe uma remuneração mínima garantida, isso dependerá de quanto o trabalhador conseguirá produzir e da rede de competição e das circunstâncias do seu tempo de produção e as demandas de consumo.

Também é possível perceber a terceirização e necessidade de versatilidade e mobilidade da energia laboral na produção dos jeans, pois são várias etapas na fabricação, que exigem do trabalhador polivalência e disposição para multitarefas. Isso está evidente no discurso de uma das mulheres entrevistadas que, ao ser perguntada o que ela faz, diz: "Eu faço tudo, amasso cola, 'desverso' peça, amarro mais os meninos..." ou quando outro entrevistado disse que além de trabalhar com a produção de jeans, também faz várias outras atividades: "às vezes eu faço uma base de uma casa, às vezes cavo buraco, às vezes 'toro' pé de coco e um de pé caju".

Semelhantemente ao que é apresentado por Araújo e Moraes (2017), é perceptível que, na fabricação de jeans em Toritama, o ofício é mais flexível, volátil, frágil, e sem direitos trabalhistas mínimos garantidos. Segundo os relatos apresentados, a carga horária é a mais flexível, pois trabalham na hora que desejarem. Entretanto, na busca incessante pelo capital em detrimento dos direitos trabalhistas que não são aplicados nesse contexto, eles chegam a trabalhar mais de 12 horas por dia. Uma das entrevistadas relata que começa trabalhar "cinco, seis da manhã e vai até nove, dez da noite", outra diz que "chega às sete da manhã até às oito e meia volta e fico até às onze e meia, vou para o almoço volto às uma e meia e fico até às seis e meia da noite, vou para casa fazer a janta e volto às sete e meia e fico até às dez horas da noite". Assim, os trabalhadores, que na sua maioria, trabalham de forma autônoma, acabam desprotegidos e vulneráveis por não possuírem direitos garantidos. Também é possível perceber uma disparidade nas relações entre o contratante e o contratado, que pode ser exemplificado na fala do estilista proprietário de uma das facções: "Eu trabalho pouco, quem trabalha muito são os meninos", em referência às pessoas que trabalham para ele.

Em conformidade com Kalleberg (2009), o contexto apresentado pelo documentário mostra uma conjuntura de precariedade ocupacional e de insalubridade. As instalações são precárias, todos atuam em um ritmo acelerado e com movimentos

repetitivos, envolvidos no barulho ensurdecedor, produzidos pelas máquinas. Sendo assim, alicerçado nas referências teóricas anteriormente apresentadas, é possível afirmar que a precariedade laboral está presente na atuação dos fabricantes de jeans em Toritama, dado que todo o sistema se movimenta em direção à vulnerabilização desses trabalhadores, nas condições em que se encontram.

4.3 IMPACTOS NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO: A ALIENAÇÃO NO TRABALHO PRECÁRIO

Diante do apresentado pelo documentário, é evidente que a precarização foi naturalizada pelos trabalhadores. Em vários momentos eles relatam que estão satisfeitos por serem seus próprios senhores, e tal convicção está presente em suas falas. Uma das costureiras diz: “independe de ser costura, independe de ser qualquer coisa, eu acho que hoje o melhor é trabalhar para você mesmo”. Outra, demonstrando satisfação, também relata: “aqui nós somos as donas, a gente entra e sai a hora que a gente quer, se fosse fichado a gente ia ter a hora de sair”. Portanto, em concordância com Crochík (2003), essa resignação é provocada pelo trabalho alienado e favorece a permanência desses trabalhadores nesse lugar de opressão em sua plena e deliberada coisificação.

Semelhantemente, é possível perceber, ao assistir o documentário, que os trabalhadores acabam vivendo em função do trabalho, não tendo tempo para nada além dele, pois trabalham por horas sem cessar e, quando chega ao fim do expediente, utilizam o pouco tempo livre para descansar e estar disposto no outro dia. Situação essa que é confirmada na afirmação de uma das trabalhadoras ao relatar o que faz assim que finaliza o trabalho do dia: “Tomo um banho, assisto um pouco de televisão, vou dormir e acordo com disposição”. Outra trabalhadora também demonstra a ausência de tempo livre ao relata que trabalha das sete às dez da noite e que, ao fim do expediente “a gente toma banho e fica morta na cama!” Os indivíduos desse contexto acabam vivendo em função do trabalho, e sua produção ocupa um lugar de poder independentemente deles como sujeito.

Assim, de acordo com o que foi exposto por Siqueira, Dias e Medeiros (2019), esses trabalhadores acabam ocupando o lugar de um simples recurso produtivo e sofrendo uma perda de sentido ao dispor da própria identidade, como pode ser observado nas afirmações: “Meu nome é trabalho e sobrenome é hora extra” e “o meu negócio é trabalhar, tudo na vida é o trabalho.” Fica nítido o processo de alienação, pois esses

trabalhadores estão dominados pelo sistema, resignados e sem uma perspectiva crítica de emancipação da sua condição precária. Uma das entrevistas ainda afirma que “Toritama é uma mãe! A pessoa que falar mal de Toritama não é abençoado por Deus não, porque ao vim pra aqui a pessoa chega com a barriga lá dentro e acaba com a barriga tudo obesa que nem eu! É um lugar bom de trabalhar”. Um dos trechos que melhor exemplifica essa questão trata-se do momento em que uma das trabalhadoras relata que sua vida não é ruim e que quem pensa assim está enganado. Como justificativa ela compara sua realidade com as das pessoas da África que passam fome e dos países que estão em guerra. A entrevistada acredita ser privilegiada por ter saúde e conseguir trabalhar e, assim, ter a possibilidade de fazer a feira, ou seja, ela e sua família têm o que comer.

Portanto, ao ser questionada se o tipo de vida que leva é uma vida ruim, ela responde prontamente: “É nada, ruim é pra quem morre!”. Isso posto, em conformidade com as afirmações de Crochík (2003), fica evidente que os fabricantes de jeans da cidade de Toritama apresentados no documentário trabalham em nome da autopreservação, mesmo que para isso, eles vivam suas vidas em função do trabalho, em meio a uma situação de subsistência estrita, de sacrifício como um fim em si.

O documentário também é assertivo ao mostrar que os trabalhadores das confecções de jeans em Toritama estão passando por um processo de desvalorização, onde suas subjetividades estão sendo cativas nesse processo de alienação e objetificação desses indivíduos. Essa coisificação pode ser percebida na fala “Eu me vendo!”, que ocorre quando o documentário aborda a história de um estilista que usa suas criações como se estivesse em uma vitrine e fosse um manequim, com o intuito de que quando as pessoas o vissem, usando as suas roupas, desejassem comprar na sua mão as mesmas peças.

Portanto, no documentário fica evidente que os trabalhadores estão alheios a suas condições laborais precárias, principalmente por acreditarem que as suas condições de trabalho são justificáveis, por se verem no controle da carga horário de trabalho. Assim, essa perspectiva de anomia propicia na verdade uma adaptação e subserviência, anulando a subjetividade frente à atual conjuntura socioeconômica. Entretanto, isso gera uma ambivalência, pois o mesmo sujeito que deve permanecer submisso às demandas desse sistema econômico, também precisa se preparar e se responsabilizar pelo próprio sucesso ou fracasso. Desse modo, ele é responsável por si mesmo, porém, em nome da sobrevivência no sistema, acaba renunciando a sua autonomia subjetiva.

4.4 O LAZER COMO FUGA DA REALIDADE

Diante da precarização da atuação desses trabalhadores que flexibilizaram seus horários com intuito de produzirem o máximo possível, surge o lazer como forma de fugir dessa realidade, e o entretenimento como meio de libertação (ADORNO, 2002). Assim, no contexto apresentado pelo documentário, esses trabalhadores de forma coletiva têm no Carnaval uma promessa de libertação das demandas do trabalho. A cidade inteira para e os sons das máquinas de costura cessam, pois todos viajam e vão buscar a diversão fora da cidade, o que pode ser exemplificado pela fala de alguns dos entrevistados: “Toritama só é trabalho!”, “Para se divertir tem que sair da cidade, aqui não tem nada! Para fazer alguma coisa tem que sair” ou, “aqui fica igual um cemitério!”, quando se relata sobre como a cidade fica no recesso de carnaval.

Sendo assim, na véspera do Carnaval todos correm em desespero para conseguir dinheiro para custear a diversão. Um dos trabalhadores justifica isso dizendo: “Bate um desespero no povo quando vê o povo indo embora, todo mundo quer sair dessa correria, dessa vida de doido”. No documentário, por exemplo, é mostrado um estabelecimento chamando *Bazar do Carnaval*, onde várias pessoas vão para negociar seus bens, sendo capazes de vender por preços inferiores, itens como: geladeiras, televisões, celulares e motocicletas. Isso pode ser evidenciado nas falas: “O negócio é hilário, aqui vende de tudo mesmo, geladeira, fogão, bebedouro, mesa, cadeira, sofá, vende de tudo”, “Vendo tudo e vou pra praia!”, “Vou ficar sem geladeira, eu quero é me divertir!” e “Vou vender a TV por trezentos reais e quando voltar trabalho para comprar outra”. A entrevistada ainda relata que, caso não consigam vender nada, será capaz de se endividar com agiotas para conseguir viajar: “Eu arrumo emprestado o dinheiro, quando eu voltar começo a pagar. Com juros, mas eu vou pra praia!”.

Dois dos entrevistados também disseram que houve momentos no quais eles não conseguiram dinheiro para viajar no Carnaval, e ao serem questionados sobre qual o sentimento experimentaram em relação a isso, responderam: “Foi de tristeza!”, “Arrependimento, por não ter ido viajar para nenhum canto”. Um deles ainda justifica a sua atitude de vender os seus bens, apesar de ter saber que precisará trabalhar mais para adquiri-los novamente, dizendo: “O importante é curtir a vida!”. Ou seja, diante da impossibilidade de fuga, eles são confrontados por essa realidade árdua e penosa, sem brechas, e os sentimentos que eles nomeiam diante disso é a tristeza e o arrependimento quando se abre a única possibilidade de entretenimento. Nesse trecho do documentário

os trabalhadores apresentam uma insatisfação e uma resistência frente a essa realidade. É o único momento e espaço que lhes é permitido curtir a vida, e desligarem da realidade diária do trabalho incessante.

Desse modo, alheio as suas condições precárias de trabalho, um dos trabalhadores fala: “Vale a pena!”, sem pensar sobre sua realidade ou questionar como é possível que, mesmo após um ano inteiro de trabalho incessante, ele ainda não conseguiu acumular trezentos ou duzentos reais para usufruir de um momento de lazer. Assim, ao fim do feriado, todos retornam às facções e começam o mesmo ritmo constante de produção, negando a dor e o desamparo que vivenciam, mas satisfeitos com o breve lazer que aproveitaram e dispostos para mais um ano de trabalho.

5. CONCLUSÃO

Diante da relevância que as relações laborais exercem na vida dos indivíduos, torna-se importante questionar e discutir sobre o cenário e os impactos psicossociais do trabalho na atualidade. Assim, esse estudo buscou possibilitar uma conscientização em relação ao estado vulnerável que os trabalhadores vivenciam em um contexto de precariedade laboral.

A precarização do trabalho vai além de uma conjuntura econômica, já que influencia o contexto social, colocando o trabalhador em lugar de vulnerabilidade, tudo em função de uma concepção neoliberal que almeja o acúmulo do capital e o acirramento das conquistas trabalhistas em prol da dignidade humana. Conseqüentemente, o indivíduo na contemporaneidade, ao ser moldado pelas exigências do sistema capitalista, padece e fomenta sua própria desvalorização e sua coisificação. Assim, ele acaba tendo cativa a sua subjetividade em um processo de alienação contínuo, numa vida de sacrifícios como um fim em si mesmo.

Portanto, diante da análise do filme-documentário, que retrata o cotidiano frenético presente na produção de peças jeans em Toritama/PE, fica evidente que o ritmo de trabalho ininterrupto e as condições de vulnerabilidade, colocam esses trabalhadores em um lugar de desamparo e alienação. Na crença de que vivenciam uma realidade satisfatória, acabam se anulando e negam o seu estado de subserviência estrita, por terem a ilusão de controlarem o próprio tempo, como sinônimo de autonomia. A partir disso, pode-se concluir que os trabalhadores apresentados no filme-documentário, diante das relações precárias de trabalho vividas, evidenciam a sua alienação laboral e negam a dor

e o desampara vivenciado nesses fenômenos psicossociais, tendo a folga do Carnaval como uma forma de fuga coletiva da realidade árdua.

Contudo, diante da amplitude do tema abordado, não foi possível abarcar nesse estudo todas as possibilidades de investigação acerca das relações laborais e as suas implicações psicossociais meio ao próprio fenômeno do neoliberalismo. Desse modo, em futuras pesquisas, é possível discorrer ainda sobre quais os possíveis caminhos para alcançar uma legítima emancipação desses trabalhadores ou como a psicologia pode atuar para favorecer o enfrentamento dessa realidade de precarização e vulnerabilidade laboral, incrementando ações em políticas públicas e estratégias de resistência comunitária em prol de maior dignidade e direitos em meio à vida danificada.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; DE ALMEIDA, Jorge Miranda. **Indústria cultural e sociedade**. 5ª ed São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CROCHIK, José Leon. Notas sobre trabalho e sacrifício. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pág. 61-73, março de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462003000100006>.

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar. Diretor: Marcelo Gomes. Produção de Vitrine Filmes. Brasil, 2019. (125 min) Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/81180842?source=35>> Acesso em: 01 out. 2020.

FARIA, José Henrique de; RAMOS, Cinthia Letícia. Tempo dedicado ao trabalho e tempo livre: os processos sócio-históricos de construção do tempo de trabalho. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 47-74, ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712014000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712014/administracao.v15n4p47-74>.

FRANCO, Tânia. Alienação do trabalho: despertencimento social e desenraizamento em relação à natureza. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. spe1, p. 171-191, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000400012>.

GONCALVES, Guilherme Leite; COSTA, Sérgio. Valor Maravilha: Metamorfoses da Acumulação Capitalista no Espaço Portuário do Rio de Janeiro. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 1, e20160039, 2020. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582020000100203&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2020
<https://doi.org/10.1590/001152582020201>.

KALLEBERG, Arne L. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 21-30, Fev. 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000100002>.

LEITE, K. C. Trabalho Precário: precariado, vidas precárias e processos de resistências. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, v. 51, p. 108-125, 13 maio 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/50733>>. Acesso em 05 nov. 2020. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.0v51n0.50733>

LIRA, Paulo Victor Rodrigues de Azevedo et al. Superexploração e desgaste precoce da força de trabalho: a saúde dos trabalhadores de confecção. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, e00275107, 2020. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000300505&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00275>.

LOTTERMAN, Fernanda; GIONGO, Carmem Regina; OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de. "A dor ensina a gemer": a banalização da precariedade no trabalho. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 23, n. 4, p. 346-356, dez. 2018. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2018000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de out. de 2020.
<http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20180033>.

MACHADO, Fabiane Konowaluk Santos; GIONGO, Carmem Regina; MENDES, Jussara Maria Rosa. Terceirização e Precarização do Trabalho: uma questão de sofrimento social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 16, n. 36, p. 227-240, ago. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2020.

MARCONI Marina de Andrade e LAKATOS Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8º ed: São Paulo: Editora Atlas, 2017.

PAVON-CUELLAR, David. Subjetividade e psicologia no capitalismo neoliberal. **Rev. psicol. polít.** São Paulo, v. 17, n. 40, p. 589-607, dez. 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2020.

SÁ, Teresa. “Precariedade” e “trabalho precário”: consequências sociais da precarização laboral. **Configurações. Revista de sociologia**, n. 7, p. 91-105, 2010. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/configuracoes/203>>. Acesso em 05 nov. 2020. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.203>.

SIQUEIRA, Marcus Vs; DIAS, Cledinaldo A.; MEDEIROS, Bárbara N. Solidão e trabalho contemporâneo: várias perspectivas de análise. RAM, **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 20, n. 2, eRAMG190058, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712019000200302&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg190058>.

VARGAS, Francisco Beckenkamp. TRABALHO, EMPREGO, PRECARIIDADE: dimensões conceituais em debate. **Cafajeste. CRH**, Salvador, v. 29, n. 77, pág. 313-331, agosto de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792016000200313&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792016000200008>.

VIANA, Ana Luiza d’Ávila; SILVA, Hudson Pacifico da. Meritocracia neoliberal e capitalismo financeiro: implicações para a proteção social e a saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 2107-2118, jul. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000702107&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 27 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018237.07582018>.